

PAUL MATTICK E A CRÍTICA RADICAL DO BOLCHEVISMO

Felipe Andrade*

Gabriel Teles**

O fim do capitalismo exige, por conseguinte, antes de tudo, o fim da ideologia bolchevique e a ascensão de um movimento revolucionário antibolchevique.

Paul Mattick, *Introdução ao Comunismo Antibolchevique*.

A questão não é stalinismo ou leninismo, mas bolchevismo ou comunismo.

U.W.P., *Bolchevismo ou Comunismo*.

Introdução

No calor do processo revolucionário russo, entre o início e final do ano de 1917, poucos indivíduos e tendências políticas conseguiram desenvolver uma percepção radical do que estava ocorrendo e, posteriormente, o que ocorreria no fatídico outubro de 1917 e anos subsequentes. Houve as honrosas críticas de Rosa Luxemburgo, Anton Pannekoek, Herman Gorter, Makhaïsky¹ e outros ao “dirigismo”, “ultracentralismo”, “burocratismo”, entre outros elementos negativos que recaíram sobre o Partido Bolchevique, a principal organização política existente na Rússia no final de 1917. Pouco tempo depois, começaram a surgir críticas e uma percepção mais radical do caráter ditatorial, capitalista e, por fim, contrarrevolucionário do bolchevismo que, sob o lema de “socialismo”, havia imposto ao proletariado uma nova forma de exploração: o capitalismo de estado.

Assim, dentre os indivíduos que iniciaram a crítica radical ao bolchevismo, destacam-se os representantes do comunismo de conselhos, tais como Anton Pannekoek, Otto Rühle, Jan Appel, etc. É no conjunto destes pensadores que buscaremos discutir o marxista Paul Mattick, cuja militância esteve ligada à tendência comunista de conselhos².

* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da UFPR, mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da UFG e graduado em Ciências Sociais/UFG. Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Capitalismo e Contestação Social/NECCSO-UFPR.

** Doutorando em Sociologia pelo PPGS/USP, mestre em Sociologia pelo PPGS/UFG, graduado em Ciências Sociais/UFG. Pesquisador pelo Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) e Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Movimentos Sociais (NEMOS).

¹ Para conferir as críticas desses autores, confira: “Carta aberta ao Companheiro Lênin” (GORTER, 1981), “O Socialismo de Estado” (MAKHAISKY, 1981), “Questões de Organização da Social-Democracia Russa” (LUXEMBURGO, 1991) e “Revolução Mundial e Tática Comunista” (PANNEKOEK, 2021a).

² Mattick vinculou-se ao comunismo de conselhos em dois aspectos que não podem ser separados. Faremos a separação somente para fins didáticos. Em primeiro lugar, o vínculo de Mattick se deu no plano prático, por meio das iniciativas que ele participou pessoalmente, como a organização da juventude da Liga Spartacus, KAPD, UWP, etc., e no contato com as organizações conselhistas em outros países, a exemplo do GIC na Holanda. Em segundo lugar, o vínculo ocorreu no plano teórico-político através da rememoração das contribuições dos principais representantes do comunismo de conselhos, como visto na publicação de artigos dedicados a Otto Rühle, Karl Korsch e Anton Pannekoek, resenhas de livros publicados pelos conselhistas (um exemplo foi sua resenha da obra *Karl Marx* de Karl Korsch), entre diversos outros escritos e entrevistas.

Mattick foi um militante revolucionário que manteve uma coerência revolucionária ímpar e que desenvolveu diversas reflexões teóricas ao longo de sua vida, sempre mantendo como central a unidade entre “pensamento e ação” (VALADAS, 2010), ou, em outras palavras, o vínculo entre a militância e a teoria como expressão política do proletariado revolucionário. Deste modo, buscaremos desenvolver os elementos centrais que revelam uma preocupação elementar que percorreu toda a militância de Mattick, ou seja, a necessidade de combater implacavelmente o bolchevismo³, refutando teoricamente esta concepção ideológica⁴ e mostrando seu interesse antagônico em relação à luta do movimento operário, a partir de suas ações e medidas nocivas ao proletariado.

A presente discussão justifica-se pela quase completa ausência de análises em português sobre Paul Mattick, de modo que este autor, em que pese suas imensas contribuições, permanece ainda hoje marginalizado nos meios políticos. É necessário preencher essa lacuna e a nossa contribuição é uma tentativa nesse sentido. Isto não significa que pretendemos esgotar o pensamento de Mattick. A nossa intenção é explorar um elemento central de seu pensamento, a crítica ao bolchevismo, aspecto que é o principal tema discutido neste ensaio e foco de nossa análise. Em seguida, faremos uma análise das contribuições desse autor para que assim possamos atualizar nosso entendimento sobre o significado do bolchevismo na atualidade.

A Crítica Radical ao Bolchevismo

Paul Mattick (1904-1981) cresceu no meio de uma família operária com forte vínculo político, tal como o seu pai, que foi filiado ao USPD (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha) no período pós-Primeira Guerra Mundial. A trajetória política de Mattick começou desde cedo, ao juntar-se aos 14 anos de idade à organização de juventude da Liga Espartaquista e participar do processo revolucionário alemão (1918-1923), estabelecendo contato íntimo com as tendências radicais existentes naquele contexto histórico (como o KAPD⁵, movimento artístico dadaísta, etc.). Esse período

³ É importante ressaltar que a crítica ao bolchevismo é parte das preocupações que reuniram os indivíduos em torno do comunismo de conselhos. Assim, essa preocupação compõe uma das determinações que caracterizam o comunismo de conselhos, ou seja, a crítica à ideologia, estratégia e prática política dos partidos social-democrata e bolchevique (MAIA, 2015).

⁴ Utilizamos o conceito de ideologia como sistema ilusório de pensamento, concepção que foi desenvolvida por Marx e Engels (2007).

⁵ O KAPD (Partido Comunista Operário da Alemanha) “surgiu a partir do acirramento das lutas de classes e das manobras burocráticas no interior do KPD (Partido Comunista da Alemanha), que aderiu ao oportunismo após a morte de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, deformando o espartaquismo, e assim

inicial da sua formação política na juventude vai durar até o ano de 1926, época em que o movimento operário perde força e o Partido Nacional-Socialista começa a ganhar terreno na Alemanha, abrindo as portas para a futura ascensão do nazismo. Por conta da instauração da contrarrevolução na Alemanha, Mattick migra para os Estados Unidos (EUA), instalando-se em uma pequena cidade do Middle West, onde começa a trabalhar como metalúrgico e estudar profundamente a obra de Marx.

Nesses primeiros anos nos EUA, final da década de 1920 e início de 1930, Mattick participa ativamente das lutas do movimento dos desempregados e começa a colaborar com revistas políticas que possuíam ligação com o marxismo. É no ano de 1934 que ele dá prosseguimento ao desenvolvimento de sua posição política em uma base mais sólida, que será desdobrada no chamado comunismo de conselhos, o qual começa a ganhar forma nos EUA neste ano⁶ através da publicação do periódico de nome *United Workers Party* – UWP (Partido Operário Unificado) - renomeado dois anos depois para *International Council Correspondence* – ICC (Correspondência Conselhistas Internacional). Este periódico desenvolveu atividades entre os anos de 1934 até 1943 e, em vários de seus números, a crítica ao bolchevismo teve lugar de destaque.

Por mais que o periódico tivesse a participação de diversos indivíduos sem vínculo direto com o comunismo de conselhos, o principal editor e colaborador foi Paul Mattick, dando assim a sua orientação política à revista. Outro grande colaborador do periódico foi Karl Korsch, o qual teve papel de destaque e se tornou outra referência intelectual daquela tendência política nos EUA. Em introdução para a reedição de todos os números da ICC em 1970 pela editora Greenwood, Mattick resumiu a orientação política da ICC da seguinte maneira:

Esta série de publicações, que apareceu durante os anos de 1934 a 1943 sob o título *International Council Correspondence* (Correspondência Conselhistas Internacional), mais tarde renomeada *Living Marxism* (Marxismo Vivo) e, finalmente, *New Essays* (Novos Ensaios), expressava as ideias políticas de um grupo de trabalhadores americanos preocupados com a luta de classes proletária, as condições da depressão econômica e a guerra mundial. Autodenominando-se Comunistas de Conselhos, o grupo estava igualmente

expulsou a maioria do partido, considerada esquerdista (herdeiros da Esquerda de Bremen e Comunistas Internacionais)” (VIANA, 2020, p. 34).

⁶ É no ano de 1920 que ocorre a formação do comunismo de conselhos, em confronto com a social-democracia, sindicatos e parlamentos, recusa do bolchevismo e do regime russo que foi considerado naquela época como capitalismo de estado. A tendência política do comunismo de conselhos surge no seio da experiência revolucionária alemã (1918-1923), na qual o Partido Comunista Operário da Alemanha (KAPD), um não-partido, marca a formação da primeira (e principal) forma assumida pelo comunismo de conselhos em sua primeira fase. Após a derrota da revolução alemã e a desarticulação das grandes uniões operárias, entre outros elementos, surge a segunda fase do comunismo de conselhos, o período de sua reunificação entre 1923-1945 (VIANA, 2020). É neste segundo período que podemos destacar as contribuições da UWP (posteriormente ICC) nos EUA.

tão distante do partido socialista tradicional quanto do novo partido comunista e dos vários partidos de “oposição” que estes movimentos geraram. Rejeitava as ideologias e conceitos organizacionais dos partidos da Segunda e Terceira Internacionais, bem como os da natimorta “Quarta Internacional”. Com base na teoria marxista, o grupo aderiu ao princípio da autodeterminação da classe operária através do estabelecimento de conselhos operários para a conquista do poder político e a transformação do sistema capitalista em um sistema socialista de produção e distribuição. Portanto, poderia apenas ser considerada como uma organização de propaganda que defende o autogoverno da classe operária (MATTICK, 2021a).

Nesta citação, podemos extrair a ideia de que a orientação fundamental da revista foi o comunismo de conselhos, principal expressão do bloco revolucionário em sua ala proletária⁷ naquela época, em oposição às tendências do bloco progressista (Partidos socialista e comunista, Segunda, Terceira e Quarta internacionais). A revista buscava enfatizar a “autodeterminação da classe operária”, realizando uma luta cultural (“propaganda”) com o objetivo de defender o projeto de uma sociedade comunista autêntica (“o autogoverno da classe operária”).

No início do UWP, Mattick “assumiu a autoria”⁸ de dois dos três panfletos que foram publicados no início de 1934: *World-Wide Fascism or World Revolution?* (Fascismo por Todo o Mundo ou Revolução Mundial?) e *Bolshevism or Communism* (Bolchevismo ou Comunismo) (ROTH, 2015). É neste último panfleto, “Bolchevismo ou Comunismo”, que podemos identificar o esboço da crítica teórico-política de Mattick ao bolchevismo. No começo do panfleto, o autor afirma: “acreditamos que a revolução não é uma questão partidária, mas o trabalho dos operários como uma classe” (MATTICK, 2021b). Neste ponto, a UWP aproxima-se do lema inscrito no panfleto “A Revolução não é uma tarefa de Partido”, publicado por Otto Rühle (1975) em 1920 na revista *Die Aktion*. Rühle (1975, p. 161) havia dito que “a revolução não é uma questão de partido. (...) A

⁷ “Os blocos sociais são as formas mais organizadas e conscientes expressas pelas classes sociais que estabelecem estratégias, programas, ideologias, que direcionam suas ações de acordo com os seus interesses” (VIANA, 2015, p. 15). Os blocos sociais expressam os setores mais organizados e conscientes, reunindo mais de uma classe (e suas subdivisões) com a finalidade de realizar uma coalização de forças, ou seja, um conjunto de forças que expressa de forma organizada e consciente determinadas classes sociais. O bloco revolucionário é expressão do proletariado e da hegemonia proletária (VIANA, 2015). Apoiando-se na estratégia proletária, esse bloco busca realizar uma luta cultural por meio da produção teórica, propaganda generalizada, entre outras formas de atividades que visam contribuir com a luta da classe operária pela sua autoemancipação e emancipação humana em geral. A nosso ver, a produção teórica do comunismo de conselhos foi expressão da ala proletária do bloco revolucionário, pois sua formação intelectual ancorou-se no marxismo, o que possibilitou maior desenvolvimento teórico, estratégico e relativa permanência histórica. Sobre o significado histórico do comunismo de conselhos, recomendamos a leitura do ensaio de Nildo Viana: *Notas Sobre História e Significado do Comunismo de Conselhos* (2020).

⁸ Os panfletos da UWP foram publicados anonimamente, constando apenas o nome da organização como responsável pelos textos. Assim, a descoberta da autoria dos panfletos ocorreu anos depois. Segundo o biógrafo de Mattick, Gary Roth (2015), o panfleto *What Next for the American Workers?* (também publicado em 1934) não foi assinado por Paul Mattick, pois a posição sobre o fascismo e a derrubada do capitalismo como eventos distintos não coincidia com o ponto de vista de Mattick.

revolução é a tarefa política e econômica da totalidade da classe proletária”. Dessa maneira, o panfleto da UWP recoloca que a revolução não é obra de uma organização partidária, mas tarefa da classe operária em sua totalidade.

Isto não significa que existe uma desconsideração da organização revolucionária na luta de classes. Em Mattick (2021c), o papel do “partido” possui outro significado, uma vez que não há separação entre trabalhadores e partido⁹. O partido é “apenas uma expressão do fato de que apenas as minorias podem fazer conscientemente¹⁰ o que as próprias “massas” são compelidas inconscientemente a fazer” (MATTICK, 2021c). A minoria é uma parte (embora não seja a parte decisiva) do processo revolucionário. Ela não produz o processo, mas é produzida por ele. No caso de Lênin, essa minoria é identificada com a própria revolução (MATTICK, 2021c). No artigo “As Massas e a Vanguarda”, Mattick (2021d) critica o princípio da liderança, a ideia de que a vanguarda deve assumir a responsabilidade pela revolução proletária. Para o comunista de conselho, as tarefas da reorganização revolucionária e comunista devem ser realizadas pela ação mais ampla e completa das próprias “massas”¹¹. Consequentemente, o projeto comunista pressupõe “a mais ampla e abrangente atividade direta do proletariado como uma classe” (MATTICK, 2021d). Na questão da tomada do poder pelos trabalhadores, Mattick (2021d) enfatiza a necessidade de retenção do poder pelas “massas”, e não por um partido ou vanguarda. A sua posição é bastante esclarecedora nesse ponto:

O comunismo não pode ser introduzido ou realizado por um partido. Só o proletariado como um todo pode fazer isso. O comunismo significa que os trabalhadores tomaram o seu destino nas suas próprias mãos; que aboliram os salários; que eles, com a supressão do aparelho burocrático, combinaram os poderes legislativo e executivo. A unidade dos trabalhadores não reside na sacrossanta fusão de partidos ou sindicatos, mas na semelhança de suas necessidades e na expressão de necessidades em ação de massa. Todos os problemas dos trabalhadores devem, portanto, ser vistos em relação ao desenvolvimento da autoatividade das massas (MATTICK, 2021d).

⁹ É importante observar que o Partido para Mattick é uma organização histórica e que deve ser superada na própria luta. Em sua visão, o partido é apenas um instrumento da revolução, não a revolução em si (MATTICK, 2021b). O partido deve ser subordinado aos conselhos operários e o papel do partido não é nem mais nem menos do que o papel que a consciência revolucionária desempenha na história. Ele é uma parte da história, e não a história em si. Deste modo, o partido deve apoiar o desenvolvimento da iniciativa autônoma do proletariado, desenvolvendo e aumentando o poder dos conselhos operários (MATTICK, 2021b). Sobre o significado da palavra “partido” em Mattick e seu significado, retornaremos a essa discussão no próximo tópico sobre as contribuições e limites das teses desse autor.

¹⁰ Em outro momento, Mattick (2021b) reforça a tese na qual a propaganda das “minorias conscientes” deve expressar a luta dos trabalhadores e suas formas de luta independente (os conselhos operários).

¹¹ O termo “massas”, que também é título do ensaio citado de Mattick, não é um conceito marxista e seu uso é mais comum na sociologia norte-americana e sua ideologia da estratificação social. As “massas” dão homogeneidade à população, ocultando os conflitos e interesses distintos entre as classes sociais. O uso dessa palavra em Mattick é recorrente em seus textos e se trata de um deslize conceitual do autor, um termo “conjuntural” em seu pensamento que não fazia parte da sua concepção de classes sociais.

Assim, Mattick sustenta que o bolchevismo é antagônico ao comunismo, o princípio daquele remete à necessidade da vanguarda, da negação da espontaneidade e ação autônoma da classe operária. O bolchevismo cria uma separação entre os interesses da classe operária e os interesses do partido, criando uma autonomização do segundo em relação ao primeiro, distinção que não condiz à concepção de Marx sobre o “partido” ser expressão da consciência revolucionária do proletariado (MATTICK 2021d). É central em Mattick essa ênfase na autoatividade operária, o comunismo como tarefa do conjunto da classe proletária, em vez de obra de partidos ou sindicatos.

Outro aspecto discutido por Mattick é o equívoco da estratégia reformista bolchevique e de suas organizações políticas. Já deixamos evidente que a estratégia política revolucionária deve incidir na autoatividade operária, no desenvolvimento da ação direta¹² da classe operária, ao invés de querelas entre organizações e em qual direção seria correta ou não. Na concepção bolchevique, a história é, em última instância, o trabalho de “grandes homens” e a revolução é identificada com o Partido (MATTICK, 2021b). Em contraste com a estratégia de superar o capitalismo dentro dos seus limites, como foi adotada pelo “velho movimento operário” até a I Guerra Mundial, ligado à II e III Internacional e atuando através do parlamento, sindicatos e partidos, Mattick afirma que as verdadeiras expressões da consciência revolucionária são os comitês de ação, os conselhos operários (*soviets*), como a experiência demonstrou na Revolução Russa (1917), Revolução Alemã (1918), etc. Além disso, a estratégia bolchevique, em sua ilusão com as concessões democráticas, deve ser também rechaçada:

Seguir a luta pela democracia resultará na luta por uma impossibilidade, porque a democracia não é, numa base puramente política, nada mais que um fetichismo para esconder o conteúdo real da sociedade burguesa. Quando Trotsky diz: “verdadeira democracia” sem dizer que isto só pode ser o resultado de uma economia comunista, que necessita da ditadura do proletariado exercida pelos conselhos operários, isto é oportunismo político. Se esta política pudesse ser realizada (e não pode) teríamos outro período de democracia no qual a matança dos trabalhadores é novamente exercida pelos pilares da democracia, os partidos políticos. Os trabalhadores teriam lutado apenas para trocar seus assassinos fascistas por assassinos democráticos. Porque, assim que a democracia derrubasse o regime fascista, uma nova burocracia assumiria o governo antes de ser tomada pelos fascistas. Ela

¹² Por ação direta, entende-se o método de luta fora das “organizações tradicionais” (partidos, sindicatos, Estado, etc.). Em outras palavras, nas greves selvagens os próprios trabalhadores assumem a liderança da sua greve e a organizam numa base fabril. Mattick (2021d) percebe que as greves não representam meras interrupções na lucratividade ou simples perturbações econômicas. O significado real da greve independente deriva da ação dos trabalhadores como classe organizada, na criação de comitês de fábrica e conselhos operários estendendo-se por amplas áreas, nas quais o proletariado cria os órgãos que regulam a produção, a distribuição e todas as outras funções da vida social. As “greves selvagens, embora aparentemente de pouca importância, seja em pequena ou grande escala, são um comunismo embrionário” (MATTICK, 2021d).

defenderia esta posição contra a verdadeira democracia, isto é, a democracia econômica. Levantar ou ajudar a levantar o slogan da democracia em um período de fascismo não significa a superação, mas o fortalecimento das ilusões democráticas (MATTICK, 2021b).

Desse modo, Mattick enfatiza a luta independente da classe operária contra a estratégia reformista do bolchevismo, fundamentada nas ilusões democráticas e subordinada às organizações burocráticas (sindicatos, Estado e partidos). A derrubada do capitalismo pressupõe a ação unificada do proletariado, sem uma liderança lhes ditando o que fazer ou organizações restringindo-lhes a luta. Ao contrário disso, Lênin não conseguiu se livrar da influência do degenerado “marxismo ortodoxo” da social-democracia. Na visão de Mattick (2021b), Lênin subestimou o papel da espontaneidade na história e desenvolveu uma concepção mecânica do materialismo¹³ que se tornou a raiz do bolchevismo.

A concepção de Lênin não via na consciência senão o reflexo do mundo externo, uma concepção que o levou a subestimar o papel da espontaneidade na história. Para Lênin como para Kautsky, a consciência socialista não é idêntica à do proletariado, mas é levada aos trabalhadores de fora. Trazer esta consciência é a tarefa do Partido. **Para Marx, porém**, a luta de classes é idêntica à consciência de classe. Nem Kautsky nem seu aluno Lênin conseguiram entender isto (MATTICK, 2021b, grifos do autor).

A explicação da origem dessa concepção vanguardista é desenvolvida em outro texto assinado por Mattick e publicado na UWP. Em 1935, a UWP publicou uma tradução em inglês de texto de Rosa Luxemburgo: o panfleto *Leninismo ou Marxismo?*¹⁴ (publicado originalmente como artigo em 1904 sob o título de “Questões de organização da Social-Democracia russa”). Como complemento, Mattick escreve uma introdução buscando desenvolver mais elementos críticos ao bolchevismo. Na parte da discussão sobre Lênin, Mattick demonstra que o caráter não marxista do líder bolchevique pode ser melhor exemplificado na sua “conclusão filosófica de que a classe operária nunca será capaz de desenvolver uma consciência de classe revolucionária” (MATTICK, 2021c). Esta “consciência deve ser ‘imposta’ às massas pelo partido revolucionário, que recebe

¹³ Mattick (2016) complementa que essa posição filosófica de Lênin não acrescentou ao marxismo o menor elemento que possa ser qualificado como novo e original. Na principal obra filosófica de Lênin, *Materialismo e Empiriocriticismo*, ele limitou-se a repetir Engels, colocando em oposição diferentes concepções filosóficas até chegar à oposição entre materialismo e idealismo. Dessa maneira, Mattick dá prosseguimento e está de acordo com a crítica realizada por Korsch, na obra *Marxismo e Filosofia* (2008), e Pannekoek, na obra *Lênin, Filósofo* (2004). Estes dois autores, pertencentes ao comunismo de conselhos, trataram da discussão sobre o materialismo burguês e da crítica ao materialismo de Lênin, de forma mais aprofundada do que Mattick.

¹⁴ Há uma tradução recente desse panfleto de Rosa Luxemburgo, em versão publicada no ano de 2020 pelas Edições Enfrentamento sob o título *Marxismo Contra Burocracia*. Nesta coletânea é possível encontrar diversos textos de Rosa Luxemburgo, inclusive o artigo “Leninismo ou Marxismo?”.

suas ideias dos intelectuais” (MATTICK, 2021c), afirmação que foi desenvolvida no panfleto *Que Fazer?*, no qual Lênin (1978) demonstra a necessidade de um partido fortemente centralizado e estritamente disciplinado. O resultado é que sem um partido, nenhum movimento revolucionário pode ser bem-sucedido.

A posição de Lênin é idealista, mecanicista, unilateral e não marxista. Em convergência com Lênin, Trotsky também reproduz essa concepção, sempre reiterando que a ação revolucionária depende de convencer os trabalhadores a realizar a revolução, de acordo com os ensinamentos dos seus líderes, ou melhor dizendo, do “grande mestre” Trotsky e do seu partido (MATTICK, 2021b). Após as “massas” se convencerem da necessidade de fazer a revolução, elas seguirão o partido de Trotsky que então reivindicará a ditadura do proletariado (na verdade, a ditadura sobre o proletariado). Esta concepção de Trotsky é semelhante àquela em Lênin, ambas reproduzindo a visão social-democrata do “marxismo ortodoxo” de Kautsky e Plekhanov.

Outro traço ideológico do materialismo mecanicista pode ser visto na tática da Terceira Internacional e nas experiências do Partido Bolchevique para aplicá-la em outros países. Tal tática ficou conhecida como a bolchevização dos partidos comunistas. Seguiu-se a política de combinar as necessidades da política nacional russa (direcionada a tornar a Rússia uma grande potência) com a linha política dessa Internacional. No entanto, Mattick (2021c) adverte que um dos elementos da dialética materialista é que os métodos e meios de luta adequados a um determinado período e a um determinado local se mostram ineptos quando transferidos para outro período e para outras localidades e relações. Conclui-se, portanto, que a tática da Terceira Internacional foi nefasta, pois não atendeu às necessidades da luta revolucionária do proletariado, e sua política nacional não teve nenhuma relação com essa luta.

Há ainda outra consideração importante que Mattick faz sobre o bolchevismo: o suposto sucesso dos bolcheviques na Rússia, o que leva a uma consideração sobre a Revolução Russa. Em relação a esse tema, Mattick buscou responder no ano de 1938, em texto publicado na revista *The Modern Quarterly*, à pergunta: “A Revolução Bolchevique foi um Fracasso?”. Diante da afirmação a respeito da Revolução Russa ter atingido objetivos proletários, o autor coloca a seguinte reflexão:

As ideias e palavras de ordem relacionadas com os objetivos do proletariado, e mesmo as lutas reais e formas de organização peculiares ao movimento independente da classe proletária, não são suficientes para dar a Revolução Russa um caráter proletário. Certamente muitos trabalhadores acreditaram que a Revolução Bolchevique terminaria no socialismo. No entanto, as ilusões dos trabalhadores não podem substituir as medidas necessárias para atingir os

objetivos do proletariado. O socialismo como uma palavra de ordem, como um ideal, ainda se encaixa perfeitamente numa revolução burguesa e em uma sociedade burguesa. Os objetivos proletários, em primeiro lugar, devem incorporar a abolição da classe proletária através da abolição de todas as relações de classe. (MATTICK, 2021e).

Em seguida, Mattick (2021e) acrescenta que a Revolução Bolchevique buscou realizar o desenvolvimento da indústria moderna, de um proletariado moderno, o que pode ser visto no conceito bolchevique de “socialismo”¹⁵, o qual contém relações como o trabalho assalariado, a produção de capital, e assegura estas relações através da divisão da sociedade em governantes e governados. A Revolução Russa foi uma revolução camponesa, na qual o Partido Bolchevique se apoiou nos camponeses, e estes deixaram de lado os objetivos proletários para apoiarem a política do bolchevismo, que foi responsável por distribuir terras e coletivizar a agricultura, transformando os camponeses em trabalhadores assalariados. Esse processo de proletarização não é um objetivo revolucionário, mas um objetivo burguês.

A base social do bolchevismo deveu-se ao atraso geral prevalecente sobre a Rússia czarista, na qual a intelectualidade russa possuía poucas chances de melhorar a sua posição (MATTICK, 2021f). A burguesia nacional era extremamente fraca e a intelectualidade (ou *intelligentsia*, termo que Mattick utiliza de forma cambiável com intelectualidade) e todas as forças “progressistas” lutando contra a reação não poderiam obter o apoio dela, nem da burguesia reacionária da Europa ocidental (MATTICK, 2021e). Nessa situação, a intelectualidade e amplas “camadas da classe média” (MATTICK, 2021f) se politizaram e viraram um contrapeso do declinante “sistema econômico”. Buscando ideologias¹⁶ úteis como armas e aliados, a intelectualidade precisou apelar para o movimento operário e outros elementos descontentes na sociedade russa para transformá-la em um Estado moderno. Mattick (2021f) coloca que “a direção do movimento bolchevique, tanto como a dos movimentos fascistas, não era proletária, mas de classe média: o resultado da frustração dos intelectuais debaixo das condições de

¹⁵ O conceito de “socialismo” no bolchevismo encontra-se desenvolvido em Lênin, cuja visão de socialismo não era mais que uma espécie de Capitalismo de Estado de acordo com o “modelo dos correios alemães” (MATTICK, 2016), análise esta que foi desenvolvida anteriormente por Jan Appel em sua crítica da obra *O Estado e a Revolução* de Lênin no artigo “Marxism and State Communism: The Withering Away of the State”, publicado em 1932, como parte dos estudos preliminares para o texto *Princípios Fundamentais da Distribuição e Produção Comunista* (CORVO, 2021).

¹⁶ Em certas passagens, Mattick utiliza a palavra ideologia como visão ou concepção de mundo, a exemplo dessa passagem, e em outros momentos, ele utiliza o conceito de ideologia como “falsa consciência”, no sentido marxista, ao considerar o leninismo, por exemplo, como ideologia. Não há coerência e precisão terminológica no uso do conceito de ideologia nos diversos artigos desse militante marxista.

estagnação e atrofia econômica”. Temos, portanto, a percepção da base social do bolchevismo: a classe média.

Além disso, Mattick (2021e) afirma que os bolcheviques cumpriram objetivos capitalistas, o que não significa que naquela situação revolucionária não houve objetivos proletários¹⁷. Em certos momentos, ocorreu a expropriação de fábricas e de outras formas de propriedade burguesa pelo movimento operário, responsável por criar várias formas de auto-organização nesse processo, destacando-se os conselhos operários, até que estes foram destruídos¹⁸ tão logo o Estado bolchevique surgiu e suplantou o poder dos conselhos, os substituindo pelo poder do Partido¹⁹. Em outras palavras, o poder conquistado pelos trabalhadores no processo revolucionário foi perdido. Ocorreu uma contrarrevolução que, contrariamente aos objetivos proletários, foi vitoriosa com o êxito do bolchevismo, ao transformar a propriedade privada em propriedade estatal, dando continuidade à exploração dos trabalhadores sob a forma do capitalismo de estado.

Dessa forma, o “sucesso dos bolcheviques na Rússia” é visto por Mattick como a realização do capitalismo sob outra forma. Naquelas condições, o Partido realizou a tarefa que a burguesia já não era capaz, utilizando de uma terminologia “marxista” que deu origem à ilusão de que suas “tendências socialistas” tinham força suficiente para alterar o caráter burguês da Rússia. Mattick arremata dizendo que “tudo o que aconteceu foi que os bolcheviques não só foram forçados ou dispostos a cumprir as funções da burguesia, mas por esse processo eles se tornaram a classe dominante e exploradora” (MATTICK,

¹⁷ Deve-se destacar que esse processo não foi, necessariamente, consciente. Os bolcheviques não explicitaram que estavam cumprindo objetivos capitalistas; ao contrário disso, eles afirmavam que estavam realizando uma revolução “socialista”. Desta forma, à revelia do discurso pretensamente proletário e revolucionário que falsamente o bolchevismo aludia, as medidas que o Partido Bolchevique implantou foram burguesas, capitalistas.

¹⁸ Os conselhos operários foram os responsáveis por derrubar simultaneamente o czarismo e a burguesia, mas ao mesmo tempo, não conseguiram conservar o poder e impedir totalmente o desenvolvimento do capitalismo de estado. Sobre este aspecto, em artigo publicado em 1967 (“A Gestão Operária”), Mattick (1977, p. 237) diz que “a razão essencial do fracasso do movimento dos conselhos foi a imaturidade geral objetiva do país, em relação às exigências de uma transformação socialista”. Em entrevista concedida a J. J. Lebel, datada em 1975, Mattick (2018a) reafirma a sua posição de que na Rússia houve um “despreparo objetivo para uma revolução socialista”. No próximo tópico, voltaremos a essa discussão sobre os limites “objetivos” presentes na Revolução Russa em 1917.

¹⁹ Mattick (1977, p. 234) desenvolve mais elementos sobre a contrarrevolução bolchevique: “Em pouco tempo o regime soviético transformou-se numa ditadura de partido. Os soviéticos, assim esvaziados de sentido, foram mantidos num simples plano formal para camuflar a realidade. Ainda que a principal palavra de ordem dos bolcheviques fosse “Todo o poder aos soviéticos!” o novo governo reduziu o seu significado, restringindo-o a um mero controle operário. E pôs-se circunspectamente a aplicar o seu programa de socialização que, longe de confiar aos trabalhadores poderes de gestão efetivos, lhes reconhecia simplesmente um direito de vigilância sobre o funcionamento das empresas industriais, ainda nesse momento nas mãos dos capitalistas.” Assim, observamos que o caráter autárquico (auto-organizado) dos conselhos operários (soviéticos) foi sendo eliminado aos poucos com o partido bolchevique no poder, que buscava, a todo custo, reorganizar a indústria e desenvolver a acumulação de capital.

2021e). Portanto, fica claro que Mattick concebe a Revolução Russa como uma Revolução Burguesa²⁰, na qual o Partido Bolchevique assumiu a função da burguesia e tornou-se a classe dominante.

Logo após a instauração do capitalismo de estado na Rússia e a morte de Lênin, ocorreram disputas internas no Partido Bolchevique, sobretudo entre a ala liderada por Trotsky e a outra ala dirigida por Stalin. A partir dessa disputa, Stalin conseguiu derrubar Trotsky, mandando-o para o exílio e forçando este bolchevique a formar uma oposição interna, que depois foi cristalizada na forma da IV Internacional, alvo de crítica por parte de Mattick (2021b). Nossa intenção aqui é chamar a atenção para a posição de Mattick acerca dos epígonos de Lênin, principalmente as figuras de Trotsky e Stalin. Há um artigo exemplar publicado na revista *Politics* em 1947, originalmente com o título “*Stalin, Trotsky and Lenin*”, que sintetiza bem a crítica do conselheiro alemão sobre a relação entre stalinismo e trotskismo.

Em contraste com a tese de Trotsky sobre a ocorrência de um termidor após a morte de Lênin, o que levou a um “crescimento dos privilégios da burocracia”, Mattick (2018b) constata que é necessário retornar ao período pré-Stalin, no qual Lênin e Trotsky desempenharam papel importante na criação da burocracia de estado, aumentando-lhe os privilégios com o objetivo de aumentar sua eficácia. O bolchevismo aproveitou-se dos levantes espontâneos das “massas” camponesas e operárias, tomando o poder do Estado em outubro de 1917. Após o bolchevismo tornar-se a classe dominante, como já foi dito anteriormente, o objetivo seguinte foi dar início à criação de uma ordem social

²⁰ Em outro texto, publicado em 1978, três anos antes da morte de Mattick, ele deixa evidente novamente que o bolchevismo implantou o capitalismo de estado na Rússia: “As revoluções que tiveram êxito, em primeiro lugar, na Rússia e China, não foram revoluções *proletárias* no sentido marxista, que conduzissem à “*associação dos produtores livres e iguais*”, mas revoluções *capitalistas de Estado*, que eram objetivamente incapazes de levar ao socialismo. O marxismo serviu neste caso como uma mera ideologia para justificar a ascensão de sistemas capitalistas modificados, que já não estavam determinados pela competição mercantil, mas controlados por meio do Estado autoritário. Assentados no campesinato, porém, concebidos para a industrialização acelerada para criar um proletariado industrial, estavam preparados para abolir a burguesia tradicional, porém não o *capital* como relação social. Este tipo de capitalismo não havia sido previsto por Marx nem pelos primeiros marxistas, ainda que defendessem a tomada do poder estatal para derrubar a burguesia – *porém, apenas para abolir o próprio Estado.*” (MATTICK, 2021g, grifos do autor). Mattick (2021g) acrescenta que o capitalismo de estado é uma tendência que continua existindo, uma vez que possíveis processos revolucionários podem vir a ser derrotados e, posteriormente, transformados em regimes capitalistas de estado. Outra possibilidade está presente no próprio capitalismo, em sua tendência centralizadora, na qual a concentração de capital, sua monopolização e aumento de corporações permitem que a propriedade seja separada da gestão direta e ocorra a integração do Estado e capital na economia mista, apontando elementos em direção a um capitalismo de estado plenamente maduro. Esta discussão é realizada de forma mais profunda no livro *Marx & Keynes* (2010), obra que não entraremos em detalhes por não ser o tema principal deste artigo.

centralizada que permitisse manter a separação entre operários e meios de produção, e colocar a Rússia como uma potência imperialista.

No decorrer da instauração do capitalismo de estado e tomada do governo pelo partido bolchevique, os camponeses foram controlados através da partilha da terra, os operários foram reintegrados às usinas como assalariados, e os soldados retornaram à vida civil, voltando à antiga condição de camponeses ou operários. O novo governo exigiu a submissão de todas as classes sociais à sua autoridade, concentrando paulatinamente todo o poder em suas mãos e centralizando todos os órgãos de controle. Mattick (2018b) nos diz que a Rússia foi organizada, desde a tomada do poder em outubro de 1917, conforme os interesses de uma classe bem determinada, a classe privilegiada do sistema capitalista de estado nascente.

Todo esse argumento demonstra que o stalinismo não tem relação com qualquer “termidor burocrático”. Na verdade, no período da “revolução”, todo o comitê central do partido funcionava de maneira regulada e inteiramente subordinada à Lênin. Após a “revolução”, essa situação foi reforçada, de modo que o aparato burocrático foi progredindo no decorrer do tempo. Ainda na época de Lênin, Mattick (2018b) lembra que o burocrata russo jamais criticou verdadeiramente o aparato do partido e direção, o que significa que Lênin jamais pôde criticar a si mesmo. Em relação a Trotsky, ele foi apenas um bolchevique descontente, desempenhando fora da Rússia um intenso combate pelo poder e pela direção do pretense movimento “comunista” internacional. Sua importância real reside no seu objetivo em substituir a direção oligárquica de Stalin pelo seu grupo.

No geral, a crítica radical de Paul Mattick ao bolchevismo pode ser resumida nos seguintes pontos: 1) crítica da estratégia reformista do bolchevismo, como visto na recusa do Partido, da atuação nos sindicatos, parlamento, entre outras organizações burocráticas que possuem como finalidade a direção e subordinação da autoatividade da classe operária aos seus interesses; 2) crítica da ideologia bolchevique, inscrita no leninismo, cuja determinação fundamental é o pensamento de Lênin (criador de teses ideológicas, como o vanguardismo e materialismo mecanicista); e, por fim, 3) a crítica da prática política bolchevique, exemplarmente demonstrada na Rússia, onde o Partido Bolchevique realizou uma revolução burguesa e tornou-se a classe dominante. Através desse panorama, desenvolveremos no próximo tópico um balanço das contribuições de Mattick visando uma atualização teórica dessa crítica radical ao caráter contrarrevolucionário do bolchevismo.

Contribuições e Limites da Crítica de Mattick

Paul Mattick, a partir do que foi exposto aqui, pode ser considerado um dos grandes teóricos e militantes do marxismo revolucionário. A marginalização de sua obra e as tímidas discussões sobre suas reflexões críticas a respeito do bolchevismo, atesta aquilo que ele próprio afirmou quanto ao desenvolvimento do marxismo em tempos não-revolucionários: “Nada prova de maneira mais peremptória o caráter revolucionário das teorias de Marx [e do marxismo em geral – GT] do que a dificuldade de assegurar a sua manutenção em períodos não-revolucionários” (MATTICK, 1977, p. 56). Logo, o refluxo da luta de classes e a vitória da contrarrevolução, fez com que o marxismo revolucionário fosse escanteado e o pseudomarxismo se tornasse reinante. O quase total desconhecimento da vida e obra de Mattick no Brasil²¹ é sintomático desse processo.

O primeiro elemento que poderíamos colocar aqui, enquanto balanço da crítica radical de Mattick ao bolchevismo, é que tal empreitada está ligada a uma reflexão mais ampla e profunda sobre as tarefas dos revolucionários e o vínculo com o projeto político marxista. Ou seja, a sua crítica estava vinculada ao seu projeto político de transformação radical da sociedade; à revolução. Isto significa dizer que Mattick assentava a sua crítica na necessidade de combater, no plano da luta cultural e de sua posição no interior da luta de classes no geral, uma ideologia e prática política não apenas nocivas ao papel revolucionário do proletariado, mas contrarrevolucionárias. O bolchevismo, então, nessa perspectiva, trata-se de uma força que obliterava as possibilidades de emancipação dos trabalhadores, mas que se colocava como a sua vanguarda, ofuscando os seus reais interesses de controle e dominação.

Por esse ângulo, a crítica de Mattick não era uma crítica destituída de uma simultânea proposição positiva: o ponto de partida para se pensar a real emancipação dos trabalhadores era a crítica radical ao bolchevismo, que se apresentava como representante dos interesses do proletariado russo e, posteriormente, do proletariado mundial (especialmente a partir do processo de bolchevização dos partidos comunistas - HÁJEK, 1988 - efetuadas pela III Internacional). Era necessário, enfim, evidenciar os reais interesses do bolchevismo e explicitar que o apoio a ele se tratava de uma ilusão com graves consequências políticas, tanto à experiência russa, quanto ao crescente processo de radicalização do proletariado mundial.

²¹ Apesar, claro, deste fenômeno não ser algo apenas brasileiro e sim mundial.

Logo, a sua empreitada de crítica ao bolchevismo se soma às demais investidas do autor não só aos inimigos “internos” do proletariado (Kautsky, Lênin, Trotsky, Stalin, II Internacional, III Internacional, IV Internacional, etc.), mas também aos inimigos mais diretos que é a classe dominante e seus representantes ideológicos. Isso nos leva a afirmar que a crítica de Mattick ao bolchevismo se integra a uma totalidade, mais ampla, que é a crítica radical à sociedade capitalista e sua dinâmica. É por isso que a sua obra busca refletir desde a crítica às deformações do marxismo até a análises originais sobre o keynesianismo, a partir do ponto de vista e expressando teórica e politicamente o proletariado revolucionário. Em síntese, a sua compreensão de marxismo, que toma emprestado de Karl Korsch, atesta a necessidade de expressar, teoricamente, o proletariado revolucionário. Daí a necessidade de uma crítica desapiedada do existente, como colocada por Marx (2021) enquanto uma de suas tarefas políticas.

O segundo elemento é que, no essencial, a avaliação crítica de Paul Mattick encontra-se correta quanto ao significado político e ideológico do bolchevismo, ou seja: os três pontos colocados no conjunto de sua obra, que sintetizam a sua discussão sobre essa ideologia, atestam e evidenciam o caráter contrarrevolucionário do bolchevismo e a necessidade de combatê-lo, tanto a nível prático quanto ideológico. Como já colocamos anteriormente, tal avaliação se soma às de outros militantes igualmente críticos ao bolchevismo, tanto no calor do momento, no processo revolucionário e nos seus primeiros anos, quanto posteriormente, quando o regime bolchevique já estava instalado e estável.

Nesse sentido, Mattick encontra-se ancorado e em colaboração direta com o bloco revolucionário de seu tempo, tais como os demais comunistas de conselhos (Pannekoek, Korsch²², Rühle, Gorter, etc.) e o anarquismo (Rudolf Rocker, Ida Mett, Henri Arvon, Emma Goldman), além de setores mais ambíguos ou problemáticos, mas que fizeram importantes críticas ao bolchevismo, tal como o bordiguismo e as frações radicais (também conhecidas como ‘esquerdas dissidentes’), no interior do partido bolchevique (Comunistas de Esquerda, Centralismo Democrático, Oposição Operária, Grupo Operário, Verdade Operária, etc.). Isso demonstra que sua crítica, antes de ser uma voz incômoda isolada, individual, estava ligada a um conjunto de organizações, correntes, doutrinas e indivíduos revolucionários críticos à experiência russa e o papel contrarrevolucionário dos bolcheviques e suas variantes ideológicas.

²² Este possui a especificidade de ter “aderido” ao comunismo de conselhos tardiamente.

O terceiro elemento, e que será mais explorado no presente tópico, são alguns equívocos e limites de algumas questões específicas colocadas por Mattick. Antes, é importante colocar que muitos de tais equívocos e limites estão mais ligados às dificuldades, da época, de desenvolver uma avaliação global do processo contrarrevolucionário que assolou os países cuja intensificação da luta de classes chegou em seu ápice. Muitos processos sociais e desdobramentos históricos só se apresentaram cristalinos muitas décadas depois dos primeiros escritos de Mattick sobre o assunto. É por isso que podemos ver, ao longo do seu desenvolvimento intelectual e político, algumas mudanças de posicionamento, mais críticos e globais, conservando o núcleo revolucionário de seu pensamento, mas ainda insuficientes em alguns aspectos.

O primeiro limite de Mattick, a propósito do que foi apresentado na delimitação proposta neste texto, é a sua definição e visão sobre a questão do partido. Para o nosso conselheiro alemão, como colocado anteriormente, não há separação entre partido e trabalhadores (mas aquele é a ala mais consciente destes); uma interpretação semelhante, em que peses suas diferenças, com a perspectiva colocada por Rosa Luxemburgo (2011), que percebia o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) como unidade ao proletariado alemão, no período pré I Guerra Mundial, o que lhe custou, inclusive, a vida com seu assassinato e de Liebknecht por paramilitares ligados ao governo social-democrata que ordenou a repressão dos espartaquistas. Aqui, podemos perceber a confusão que Mattick faz com relação às organizações revolucionárias e partidos políticos, equivalendo ambos ou, melhor, integrando este segundo, de maneira ressignificada, no primeiro. Essa equivalência gera mais confusões do que contribui para o avanço das organizações revolucionárias.

Sem cometer verbalismo (LABRIOLA, 1979), o uso, mesmo que ressignificado de *partido* como organização revolucionária (sendo a parte mais consciente do proletariado, não constituindo uma vanguarda dirigente), recai no limite de utilizar o mesmo signo pertencente ao campo lexical do paradigma vanguardista da episteme burguesa²³, sendo que o significado de tal signo (partido), é hegemonicamente oriundo da perspectiva burguesa ou burocrática. Além disso, a noção trazida por Mattick não condiz com a realidade concreta dos partidos políticos. Torna-se uma definição apartada

²³ Entende-se aqui episteme burguesa como a infraestrutura do pensamento burguês e o paradigma vanguardista a sua manifestação concreta no capitalismo estatal soviético. Logo, o paradigma vanguardista emerge com o leninismo e vai se tornando hegemônico, no interior do conjunto de países capitalistas estatais, a partir de uma mentalidade burocrática. Para mais informações consultar cf. VIANA, 2019.

de suas raízes, origens e determinações concretas. Uma perspectiva idealista. Logo, não é trocando o significado de um signo que se muda o fenômeno que esse mesmo signo expressa. Os partidos políticos são, em essência, organizações burocráticas, vinculados e pertencentes a essa sociedade, reprodutora de suas relações sociais, que são relações de dominação e exploração. Tais organizações almejam a conquista do poder estatal através da ideologia da representação (VIANA, 2013). É a partir desta definição que podemos ver o caráter antagônico entre partidos políticos, organizações burocráticas (junto com outras, tais como o próprio Estado, sindicato, instituição escolar, empresa, etc.), e organizações revolucionárias, que são organizações autárquicas (tais como os conselhos operários, comandos de greves, etc.)²⁴.

É evidente que Mattick (2021b; 2021c; 2021h) não pensava os partidos como essas organizações burocráticas, mas a sua visão idealista dessa organização torna-se um limite para o avanço da consciência revolucionária. Em nossa visão, a discussão teórica mais adequada reside na distinção entre organizações burocráticas e organizações autárquicas (auto-organizadas). Os partidos políticos são organizações burocráticas, como já dito anteriormente, enquanto o “partido”, discutido por Mattick e outros comunistas de conselhos - como Otto Rühle (1975), em seu texto *“A revolução não é uma tarefa de partido”*, e Anton Pannekoek, nos textos *“Partido e Classes”* (PANNEKOEK 2021b) e *“Partido e Classe Operária”* (PANNEKOEK, 2011) -, refere-se a uma organização autárquica.

As organizações autárquicas não possuem quadro dirigente, nem burocracia (VIANA, 2016). Elas são marcadas pelo poder de decisão coletivo, tanto no plano da direção, como no plano interno. O que importa aqui para a discussão de Mattick sobre o “partido”, é que este possuía como objetivo revolucionário declarado a transformação radical e total da sociedade. No momento histórico destacado, isto é, em textos escritos por Mattick na década de 1930, a UWP se constituía num pequeno grupo político que apontava para a necessidade de propaganda, difusão de ideias revolucionárias, incentivo à auto-organização, etc. Assim, em contraste com a percepção idealista e dos limites de Mattick no uso do termo “partido”, observamos que a forma de organização defendida

²⁴ Como não é foco ou objetivo de nosso trabalho, sugerimos aos leitores, caso haja interesse em aprofundamentos sobre a questão dos partidos políticos, em verificar as seguintes referências, a propósito de uma discussão teórica sobre essas organizações: VIANA, 2013; DA SILVA, 2021. Quanto ao processo de burocratização dos partidos, ao longo da história, verificar: MICHELS, 1982; PRZEWORSKI, 1989 e TRAGTENBERG, 1988.

por ele naquela época²⁵ era tão somente uma contribuição para o aceleração do processo revolucionário, defendendo um “partido” totalmente distinto do “partido vanguardista”, isto é, do partido político como organização burocrática.

O segundo limite diagnosticado na avaliação de Mattick é a sua afirmação de que a base social do bolchevismo foi de determinadas camadas das “classes médias”. Isso demonstra duas fragilidades na análise de nosso autor alemão.

A primeira é a noção empobrecida sobre as classes sociais não fundamentais (classes subsidiárias) da sociedade capitalista, ou seja, aquelas classes sociais que não estão diretamente ligadas ao processo produtivo, ao modo de produção (no caso da sociedade capitalista, trata-se do proletariado e a burguesia). A ideia de “classes médias” nada explica, além de ser uma concessão à ideologia da estratificação social, longe de uma explicação fundada no materialismo histórico-dialético. A noção de “classes médias” ofusca o conjunto de classes sociais existentes na luta de classes e suas respectivas posições no processo de reprodução da sociabilidade capitalista. Nesse bojo, cabe classes distintas como a intelectualidade, a burocracia, pequena-burguesia, etc., uniformizando seus interesses, modos de vida e posições na divisão social do trabalho.

A segunda fragilidade, derivada da primeira, é a não percepção e compreensão de que a base do bolchevismo foi a burocracia civil russa. Essa fragilidade é compartilhada também com os outros conselhistas:

Em que pese os comunistas de conselhos terem, acertadamente, desmascarado o caráter contrarrevolucionário do bolchevismo com a tomada do poder de Estado em outubro de 1917 e execução do esvaziamento dos soviets na Rússia, eles não perceberam, de forma estruturada e conceitual, o caráter de classe do bolchevismo enquanto fração da burocracia civil. [...] Dessa forma, não existia, nessa época, uma análise sistemática e unitária sobre o caráter de classe do bolchevismo e do leninismo, apesar de, em alguns textos, essa questão ficar implícita (TELES, 2020, p. 108).

Se Mattick coloca a base social do bolchevismo como de classe média (sem definir o que ele entendia por classe média, o que gera ambiguidades), Pannekoek (2017), por exemplo, irá acusar o bolchevismo de “neoblanquismo”, onde a tomada do poder é executada por uma minoria “revolucionária”; já Helmut Wagner (2014), rotulará o bolchevismo como “jacobinista”. Isso demonstra, então, que a ideia da existência da

²⁵ Estamos frisando aqui a afirmação “naquela época”, pois a posição do Mattick sobre a organização dos revolucionários não é tão clara em seus artigos escritos nos anos de 1950 e final da década de 1970, em período que ele esteve afastado formalmente de qualquer organização política. Procuramos delimitar a discussão sobre o “partido” e as “minorias revolucionárias” nos textos do Mattick escritos nos anos de 1930, na medida em que eles apresentam uma discussão importante acerca da relação entre organização revolucionária e classe operária. Pretendemos, em outro estudo, aprofundar mais na posição do autor alemão sobre a organização dos revolucionários em seus escritos “maduros”.

relação entre dirigentes e dirigidos, um dos fundamentos da burocracia, já estava presente, mesmo que implicitamente, na crítica dos conselhistas.

É somente com uma reavaliação crítica do significado político da Revolução Russa e seus desdobramentos, especialmente após a década de 50, que ocorre um desenvolvimento conceitual, ainda que rudimentar, sobre a ideia do bolchevismo enquanto representante da classe burocrática radicalizada. Mas é com o marxismo autogestionário e sua consolidação, bem como o processo de desenvolvimento da teoria das classes sociais que finalmente se localiza o bolchevismo como uma fração da classe burocrática. A explicação de Maia nos auxilia na compreensão dessa questão:

A classe burocrática não é a classe proprietária na sociedade capitalista, à burguesia cabe este papel. A burocracia é uma classe auxiliar da burguesia. Isto significa que é uma classe oposta ao proletariado. Entretanto, pelo fato de ela não ser uma classe homogênea, mas sim estratificada, há em seu interior estratos que se aproximam do proletariado e outros que se aproximam da burguesia. Esta peculiaridade permitiu a ela, a partir de suas frações mais próximas do proletariado, expressar-se como representantes da classe operária. Assim se explica o desenvolvimento dos partidos “operários” ou de “esquerda” e dos sindicatos (2015, p. 61).

Agora torna-se localizável e inteligível a origem de classe do bolchevismo. Apesar da fragilidade explicativa de Mattick nesse quesito específico, ele acerta em afirmar que o bolchevismo (ou mais exatamente, a classe social lhe dá base) se torna classe dominante e exploradora. No entanto, em nosso entendimento, tal classe se metamorfoseia, modificando a sua posição no interior da sociedade:

Ao tomar o poder estatal, a burocracia partidária se funde com a burocracia estatal e assim se metamorfoseia em burguesia de Estado, classe simultaneamente apropriadora de mais-valor e dirigente burocrática da sociedade como um todo, formando um capitalismo de Estado, tal como teorizado por diversos autores, sob formas distintas. Assim, a prática bolchevique afirma um regime ditatorial, na qual há a proibição de frações dissidentes dentro do partido e silenciamento das dissidências externas (anarquistas, marxistas, etc.), repressão física e política do proletariado, campesinato, etc., tal como no caso da Ucrânia e Kronstadt, esvaziamento dos conselhos operários, soviets e burocratização da sociedade (VIANA, 2017, p. 210).

O terceiro limite é a ambivalência de Mattick ao expor de que tipo de “revolução” se tratou a tomada de poder em outubro de 1917. Em alguns textos, de maneira acertada, ele define a Revolução Russa como uma revolução modernizadora da sociedade russa; logo, uma revolução burguesa. Porém, em seu texto *A Revolução Bolchevique foi um Fracasso?*, de 1938, afirma que a Revolução Russa pode ser considerada uma “revolução camponesa”. Isso, evidentemente, traz uma contradição importante. A ideia de uma “revolução camponesa” é contrassenso, já que a classe camponesa não possui condições,

devido a sua posição no interior da sociedade, de produzir uma revolução, isto é, uma transformação radical das relações sociais. Na dinâmica da luta de classes, os camponeses estão limitados a uma perspectiva da pequena propriedade, o que implica em limites do ponto de vista de um projeto de nova sociedade a partir de sua própria posição na divisão social do trabalho.

Tal ambivalência, no entanto, se torna uma questão formal, ao avançarmos na própria discussão de Mattick sobre o que seria essa revolução camponesa. Ele afirma:

Não pode ser negado que a Revolução Russa, antes de tudo, foi uma **revolução camponesa**. Assim como é óbvio que estes camponeses, lutando pela terra e pela propriedade, não tinham objetivos proletários. A Revolução Bolchevique **encontrou apoio por parte dos camponeses**, que, por sua vez, apoiaram os bolcheviques sem objetivos proletários estarem envolvidos. Por esse motivo os bolcheviques consideravam a sua política camponesa de início como uma concessão ao inevitável atraso das condições da Rússia. A posterior coletivização do campo ilustra como os bolcheviques sinceramente concordavam com o Socialismo Ocidental de que a distribuição da terra para os camponeses não é um objetivo socialista. No entanto, a coletivização da agricultura e a transformação dos camponeses em trabalhadores assalariados não é ainda um objetivo proletário, mas sim um desejo burguês de longa data, e que tem pouca chance de ser realizado sem grandes mudanças e riscos no contexto sócio-econômico vigente (MATTICK, 2021e, negrito nossos).

A partir desse trecho, podemos perceber que Mattick confunde a base social da maioria dos indivíduos envolvidos no processo revolucionário com o caráter político que ela implica. Logo, se grande parte dos indivíduos mobilizados na revolução foram camponeses, então a revolução teve caráter camponês. O caráter político e histórico de um processo revolucionário, no entanto, não se dá pelo número de indivíduos participantes de cada classe, mas sim pelo projeto e reivindicações envolvidas nesse mesmo processo revolucionário. Se aceitarmos essa colocação de Mattick, então a grande revolução francesa de 1789, que foi uma das mais importantes revoluções burguesas europeias, foi uma revolução proletária, já que havia, hegemonicamente, mais trabalhadores do que burgueses. Nesse sentido, acreditamos que se trata de uma ambivalência formal, um deslize, oriundo de uma imprecisão de linguagem, pois o restante do trecho citado, e dos demais textos onde Mattick analisa a experiência russa de 1917, demonstra se tratar de uma revolução burguesa com as especificidades da sociedade russa.

E por fim, o quarto e último limite de Paul Mattick é a sua afirmação de que a determinação fundamental do fracasso da Revolução Russa foi devido à “imaturidade” das condições “objetivas” do país. Aqui, claro, Mattick refere-se a duas questões importantes: (1) o capitalismo incipiente da Rússia, no qual conviviam relações de

produção pré-capitalistas e não-capitalistas, que predominavam sobre as relações de produção capitalistas ainda em desenvolvimento, o que implicava uma maior complexificação da luta de classes, já que combinava classes sociais em decadência e classes em ascensão (VIANA, 2010); (2) a conseqüente guerra civil eclodida pelo processo revolucionário de 1917 convivendo com a extrema crise social e econômica russa, fome generalizada, ocasionada pela I Guerra Mundial, tentativas de invasões de nações estrangeiras, etc.

Em relação à primeira questão, os limites “objetivos” da Rússia em 1917, Mattick desenvolve mais ideias a respeito disso em artigo intitulado “Lenin’s Revolution” (“A Revolução de Lênin”) publicado no ano de 1983, no livro póstumo *Marxism: The Last Refuge of the Bourgeoisie?* (Marxismo: O Último Refúgio da Burguesia?). Mattick (2021i) argumenta que a revolução socialista implica na abolição do trabalho assalariado e na socialização de todos os meios de produção. Para que isso ocorresse seria necessário um capitalismo desenvolvido e um proletariado capaz de determinar o processo de produção social, duas condições que não existiam na Rússia. O capitalismo desenvolvido existia na Europa Ocidental, um lugar do mundo no qual a revolução socialista era concebível. Na situação da Rússia, a possibilidade que esteve ao seu alcance, no momento do seu processo revolucionário em 1917, foi a derrubada do czar e a instituição do domínio burguês. Se, por outro lado, tivesse ocorrido uma revolução socialista na Europa Ocidental, a existência de uma Rússia burguesa seria menos provável.

Sob determinada interpretação de Marx²⁶, Mattick (2021i) complementa que para aquele autor “um capitalismo plenamente desenvolvido era uma pré-condição para uma revolução socialista”. Prosseguindo na interpretação de Marx, Mattick (2021i) não descarta que tal revolução pudesse receber seu ímpeto do exterior, ou seja, de acontecimentos revolucionários em nações menos desenvolvidas. A questão é que para Marx (MATTICK 2021i) o “caráter da revolução internacional como um todo estaria determinado pelas nações capitalistas avançadas”. Assim, ao não se estender para o Ocidente e reduzindo-se ao isolamento, a Revolução Russa não poderia alcançar uma sociedade socialista, mas apenas uma forma de capitalismo de Estado dirigido por um governo autoritário do partido bolchevique. Deste modo, sublinha-se que, para Mattick, seguindo o pensamento de Marx, as condições “objetivas” da Rússia eram referentes ao

²⁶ Deixaremos a análise da interpretação de Marx por Mattick para outro momento, visto que essa discussão foge um pouco do tema do artigo e exigiria de nós uma discussão aprofundada que não cabe neste pequeno espaço.

precário desenvolvimento capitalista daquele país. O capitalismo incipiente e o isolamento da Rússia em 1917 levaram ao seu colapso, ou, melhor dizendo, à instauração de uma única alternativa possível: o capitalismo de Estado.

Tal argumentação de Mattick nos leva a criticar a sua análise unilateral, que coloca um “objetivismo econômico” como determinação fundamental, o que é, evidentemente, um engano. A explicação da derrota da Revolução Russa de 1917 só pode ser evidenciada a partir da análise de suas múltiplas determinações, sendo a questão do desenvolvimento incipiente do capitalismo russo um deles, que nem é o único e muito menos a sua determinação fundamental.

Já a segunda questão que trata das adversidades históricas encontradas pelo Partido Bolchevique, elas são uma das determinações do processo da experiência russa, mas longe de ser a fundamental (FERREIRA & TELES, 2021). Claro que Mattick não percebe a questão da mesma maneira que os próprios bolcheviques ou seus apoiadores, mas a questão era outra, como coloca Maurice Brinton:

Nesta altura talvez venha a propósito um comentário acerca da atitude dos revolucionários para com “as medidas drásticas” necessárias à salvação da Revolução. Através da história, as massas estiveram sempre preparadas para fazer enormes sacrifícios quando sentiam que estava em jogo qualquer coisa de fundamental. *O verdadeiro problema não é, contudo, discutir se esta ou aquela medida foi ou não “demasiado drástica”. O problema é o de saber de quem proveio a decisão.* Foi tomada por instituições controladas pela base ou foi tomada por algum *organismo automeado e que se autoperpetua divorciado das massas?* Os membros do Partido opostos às medidas propostas nessa altura viram-se numa contradição insolúvel. Denunciaram a política dos chefes do Partido sem realmente *entenderem até que ponto as suas concepções organizativas tinham contribuído para o que estava a acontecer à Revolução.* Só alguns membros da Oposição Operária de 1921 (até certo ponto) e o Grupo de Operários de Myasnikov de 1922 (em maior grau) começaram a aperceber-se da nova realidade (BRINTON, 1975, p. 144, grifos nossos).

Em síntese, estas são as principais questões na análise de Paul Mattick sobre o bolchevismo. Em que pese suas contradições e limites, Mattick foi um dos poucos revolucionários a perceber e denunciar, com maestria e coragem, o processo contrarrevolucionário que assolava o mundo após a derrocada do proletariado na intensificação da luta de classes no início do século XX, cuja prática e ideologia bolcheviques contribuíram para a derrota da revolução.

Considerações Finais

Ao chegar no final desse balanço, devemos destacar que não esgotamos e não tivemos como intenção a discussão exaustiva de todos os elementos críticos de Paul Mattick ao bolchevismo (e seus desdobramentos ideológicos: Lênin, Trotsky, Stalin,

etc.). Há outros aspectos importantes que deixamos de lado, como a consideração de Mattick a respeito das divergências entre Lênin e Rosa Luxemburgo, a crítica da influência do bolchevismo nas experiências ditas “socialistas” nos países de capitalismo subordinado após a II Guerra Mundial, a análise das semelhanças entre fascismo e bolchevismo, a explicação mais aprofundada de Mattick sobre o desenvolvimento do capitalismo de estado na URSS ao longo de sua história, etc. Tal percurso é amplo e mereceria outros textos.

No entanto, no presente texto, esboçamos um ponto de partida, importante, buscando compreender melhor um dos mais notáveis teóricos do marxismo, sem cair em um elogio acrítico às suas proposições e análises. Nesse sentido, acreditamos ter cumprido o objetivo de nosso itinerário e nos somamos àqueles que buscaram sempre desenvolver, divulgar ou refletir sobre a teoria revolucionária. Se é certo, como bem disse Sartre, que o marxismo é a teoria revolucionária de nossos tempos, então o marxismo só será superado quando a sociedade capitalista for superada. Por esse ângulo, a obra de Mattick, por se vincular ao marxismo e contribuir com o seu desenvolvimento, demonstrou radicalidade – se por radical entende-se alcançar a coisa pela raiz (MARX, 2021), ir ao fundamento do fenômeno. O que resta é a superação da prática política do bolchevismo e esta só será superada quando o capitalismo for superado!

Referências

- AUTHIER, Denis (org.). *A Esquerda Alemã (1918-1921). “Doença Infantil ou Revolução?”*. Porto, Afrontamento, 1975.
- BRINTON, Maurice. *Os bolcheviques e o controle operário. 1917-1921*. Edições Afrontamento, Porto: 1975.
- CORVO, Fredo. O G.I.C. e a economia do período de transição. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2021/06/11/o-g-i-c-e-a-economia-do-periodo-de-transicao-fredo-corvo/> Acesso em: 09/08/2021.
- DA SILVA, Rubens Vinícius. *Marx e os Partidos Políticos*. In: ALMEIDA, Matheus; DA SILVA, Rubens Vinícius; VIANA, Nildo. *Marx: Estado, Partidos e Sindicatos*. Goiânia: Edições Redelp, 2021.
- FERREIRA, Aline & TELES, Gabriel. *Lênin: Burocracia e Ideologia*. Goiânia: Edições Redelp, 2021.
- GORTER, Herman. *Carta aberta ao Companheiro Lênin*. In: *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- HÁJEK, M. *A bolchevização dos partidos comunistas*. In: HOBBSAWM, E. (org.), *História do marxismo. Marxismo na época da Terceira Internacional: Da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

- LABRIOLA, Antonio. *La Concepción Materialista de la História*. Madrid: Editorial 7, 1979.
- LENIN, Vladimir. *Que Fazer?* São Paulo: Hucitec, 1978.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A crise da social-democracia*. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: Textos escolhidos vol. 2 (1914-1918)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MAIA, Lucas. *Comunismo de Conselhos e Autogestão Social*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.
- MAKHAISKY, Jan Waclaw. *O Socialismo de Estado*. In: *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- MARX, Karl. Carta de Marx a Arnold Ruge (1843). Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/carta-de-marx-a-arnold-ruge-1843/>. Acesso em: 06/09/2021.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARX, Karl; VIANA, Nildo. *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, O Manifesto Inaugural do Materialismo Histórico*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- MATTICK, Paul. *Integração capitalista e ruptura operária*. Porto: As Regras do Jogo, 1977.
- MATTICK, Paul. A Revolução Bolchevique foi um Fracasso? Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2020/05/05/a-revolucao-bolchevique-foi-um-fracasso-paul-mattick/> Acesso em: 09/08/2021e.
- MATTICK, Paul. As Massas e a Vanguarda. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2020/07/09/as-massas-e-a-vanguarda-paul-mattick/> Acesso em: 10/08/2021d.
- MATTICK, Paul. Bolshevism or Communism: On the Question of a New Communist Party and the “Fourth” International. Disponível em: <http://libcom.org/library/bolshevism-or-communism-united-workers-party-america> Acesso em: 09/08/2021b.
- MATTICK, Paul. Fascismo por todo o mundo ou Revolução Mundial? Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2021/09/23/fascismo-por-todo-o-mundo-ou-revolucao-mundial-paul-mattick/> Acesso em: 23/09/2021h.
- MATTICK, Paul. Introdução a “Comunismo Antibolchevique”. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2020/11/02/introducao-a-comunismo-antibolchevique-paul-mattick/> Acesso em: 10/08/2021g.
- MATTICK, Paul. Introdução à International Council Correspondence (ICC). Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2021/08/08/introducao-paul-mattick/> Acesso em: 09/08/2021a.
- MATTICK, Paul. Lenine e sua Lenda. *Revista Espaço Livre*, v. 11, n. 22, jul. dez./2016.
- MATTICK, Paul. Leninismo ou Marxismo? Uma Introdução. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2020/05/28/leninismo-ou-marxismo-uma-introducao-paul-mattick/> Acesso em: 09/08/2021c.
- MATTICK, Paul. Lenin’s Revolution. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mattick-paul/1983/reform/ch04.htm> Acesso em: 12/09/2021i.
- MATTICK, Paul. Entrevista a J. J. Lebel. In: PANNEKOEK, Anton. *Conselhos de Trabalhadores*. Curitiba: L-Dopa, 2018a.
- MATTICK, Paul. *Stalinismo e Trotskismo*. In: TELES, Gabriel e VINÍCIUS, Rubens. *Crítica Marxista ao Leninismo*. Curitiba: Editora CRV, 2018b.

- MATTICK, Paul. Trotsky e sua Lenda. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/2020/06/18/trotsky-e-sua-lenda-paul-mattick/> Acesso em: 11/08/2021f.
- MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília, UNB, 1982.
- PANNEKOEK, Anton. *Lenin filósofo*. In: GORTER, Herman; KORSCH, Karl; PANNEKOEK, Anton. *La izquierda comunista germano-holandesa contra Lênin*. Ediciones Espartaco Internacional, 2004.
- PANNEKOEK, Anton. *O Novo Blanquismo*. Disponível em: <https://libcom.org/library/o-novo-blanquismo-anton-pannekoek>, 2017.
- PANNEKOEK, Anton. *Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2011.
- PANNEKOEK, Anton. *Revolução Mundial e Tática Comunista*. Disponível em: <https://criticadesapiedada.com.br/revolucao-mundial-e-tatica-comunista-anton-pannekoek/>. Acesso em: 31/08/2021a.
- PANNEKOEK, Anton. *The Party and Class*. Disponível em: <https://www.aap.be/Pages/Pannekoek-en-1941-The-Party-And-Class.html>. Acesso em: 17/09/2021b.
- PRZEWORSKI, Adam. *Capitalismo e Social-Democracia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- ROTH, Gary. *Marxism in a Lost Century: A Biography of Paul Mattick*. Boston: Brill Editions, 2015.
- RÜHLE, Otto. A Revolução não é uma tarefa de Partido. In: AUTHIER, Denis (org.). *A Esquerda Alemã (1918-1921). "Doença Infantil ou Revolução?"*. Porto, Afrontamento, 1975.
- TELES, Gabriel. *Marxismo Autogestionário e Experiências Revolucionárias*. In: VIANA, Nildo (org.). *O Marxismo Autogestionário*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- TRAGTENBERG, Maurício. *A revolução russa*. São Paulo: UNESP, 2007.
- VALADAS, Jorge. *A paixão da revolução ou a impossível separação entre pensamento e ação*. In: MATTICK, Paul. *Marx & Keynes: Os Limites da Economia Mista*. Portugal: Antígona, 2010.
- VIANA, Nildo. A Revolução Russa de 1905 e os Conselhos Operários. *Em Debate*, Florianópolis, n. 4, p. 42-58, jan. 2010.
- VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Lisboa: Chiado Books, 2017.
- VIANA, Nildo. Blocos Sociais e Luta de Classes. *Revista Enfrentamento*, v. 09, p. 10-27, 2015.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Editora CRV: Curitiba, 2019.
- VIANA, Nildo. Organizações: Reprodução ou Transformação Social? *Revista Espaço Livre*. V. 11, n. 21, jan. jun./2016.
- VIANA, Nildo. *O Que São Partidos Políticos?* Brasília: Editora Kiron, 2013.
- VIANA, Nildo. *Sobre a História e Significado do Comunismo de Conselhos*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.
- WAGNER, Helmut. Teses sobre o Bolchevismo. *Revista Marxismo e Autogestão*. V. 01, n. 02, 2014.

Resumo: A presente discussão justifica-se pela quase completa ausência de análises em português sobre Paul Mattick, de modo que este autor, em que pese suas imensas contribuições, permanece ainda hoje marginalizado nos meios políticos. É necessário preencher essa lacuna e a nossa contribuição é uma tentativa nesse sentido. Isto não significa que pretendemos esgotar o pensamento de Mattick. A nossa intenção é explorar um elemento central de seu pensamento, a crítica ao bolchevismo, aspecto que é o principal tema discutido neste ensaio e foco de nossa

análise. Em seguida, faremos uma análise das contribuições desse autor para que assim possamos atualizar nosso entendimento sobre o significado do bolchevismo na atualidade.

Palavras-Chave: Paul Mattick; Bolchevismo; Comunismo de Conselhos.

Abstract: The present discussion is justified by the almost complete absence of analyses in Portuguese on Paul Mattick, so that this author, despite his immense contributions, remains marginalized in political circles even today. It is necessary to fill this gap and our contribution is an attempt to do so. This does not mean that we intend to exhaust Mattick's thought. Our intention is to explore a central element of his thought, the critique of Bolshevism, an aspect that is the main theme discussed in this essay and the focus of our analysis. We will then analyze the contributions of this author in order to update our understanding of the meaning of Bolshevism today.

Keywords: Paul Mattick; Bolshevism; Council Communism.